

Construção da identidade e memória teresinense na Copa do Mundo de 2014 no Jornal O Dia¹

Clarissa de Moura Fortes²

Isadora Nascimento Pereira de Sousa³

Thalyta Cristine Arrais Furtado Araújo Gonçalves⁴

Universidade Federal do Piauí – Teresina, Piauí

Resumo

O presente trabalho se propõe a analisar o modo como os meios de comunicação podem contribuir para a construção da identidade e memória de um povo, nação, grupo, de modo específico a população de Teresina, capital do Piauí – estado nordestino. O artigo foi desenvolvido baseado nos conceitos de identidade cultural apresentado por Hall (2002), de identidade brasileira trazendo à luz DaMatta (2000) e de memória referenciando Pollak (1992). Para a pesquisa, será realizada uma análise qualitativa de matérias veiculadas no Jornal O Dia nos meses de junho e julho. Ao final, o que se pode perceber é a intrínseca relação do jornalismo com a identidade e memória do teresinense.

Palavras-chave: Identidade; Memória Coletiva; Copa do Mundo; Identidade Brasileira;

Introdução

A identidade, seja ela individual, social, cultural, coletiva, e a memória, quer também seja coletiva, nacional, social, estão em frequente construção e mudança. O pressuposto referido é o ponto inicial para o presente trabalho, cujo objetivo é refletir acerca da relação do jornalismo com a construção da identidade e memória de um grupo.

Assim, a primeira ideia a que se deve atentar se relaciona ao jornalismo como selecionador dos acontecimentos que devem ser de conhecimento da sociedade como um todo. Portanto, atuando como um lapidador da memória atual e influenciando direta e ativamente na memória do futuro, cabendo aqui as afirmações de Barbosa (2004) sobre o jornalismo e a memória.

Para a realização da pesquisa, a metodologia escolhida reside na análise qualitativa com base na Análise de Conteúdo dos aspectos de identidade e memorialísticos presentes e reforçados na construção de conteúdos noticiosos. O *corpus* é composto de 10 matérias

¹ Trabalho apresentado no IJ01 – Jornalismo do XVIII Congresso de Ciências da Comunicação na Região Nordeste realizado de 07 a 09 de julho de 2016.

² Graduanda do Curso de Comunicação Social – Habilitação em Jornalismo da Universidade Federal do Piauí. E-mail: clarissa.fortes@outlook.com.

³ Graduanda do Curso de Comunicação Social – Habilitação em Jornalismo da Universidade Federal do Piauí. E-mail: isadora.nsousa@yahoo.com.br.

⁴ Orientadora. Mestranda do Programa de Pós-Graduação em Comunicação da Universidade Federal do Piauí. E-mail: thalyta_arrais@hotmail.com.

escolhidas aleatoriamente veiculadas no Jornal O Dia entre os meses de junho e julho de 2014 – período da Copa do Mundo no Brasil - para buscar perceber como é a relação do jornalismo com a identidade e a memória.

A intenção do trabalho, cuja relevância se encontra na importância de compreender as facetas do jornalismo, bem como de entender como acontece o processo de construção de uma identidade e memória, é mostrar a possibilidade de mutação dos conceitos mencionados e de que a comunicação é um dos agentes dessa transformação.

Identidade: Conceitos e possibilidades

Do latim *identitas*, isto é, idem, mesmo, identidade seria, em sua significação mais primitiva ou superficial, as características de algo ou alguém que os distinguem dos demais. Seria o que os individualiza de todos os outros ou ainda a consciência que alguém tem de si mesmo e que o faça acreditar que seja diferente dos demais. Além de crer que a sua identificação é única, constante e inalterável, ainda que a crença em uma identidade pura seja errônea.

A identidade plenamente unificada, completa, segura e coerente é uma fantasia. Ao invés disso, à medida em que os sistemas de significação e representação cultural se multiplicam, somos confrontados por uma multiplicidade desconcertante e cambiante de identidades possíveis, com cada uma das quais poderíamos nos identificar – ao menos temporariamente (HALL, 2002, p.13).

A partir da ideia de sujeito pós-moderno exposta por Hall (2002), cujo indivíduo não é detentor de uma identidade fixa, essencial, permanente ou inata, mas sim de uma identidade que está em permanente construção, o ser humano, enquanto social, pode assumir identidades diferentes em momentos distintos, de acordo com o contexto em que está inserido.

Da mesma forma, solicitando o conceito de identidade utilizado por Pollak (1992), o indivíduo sendo um ser sociável não pode fugir de um aspecto de representação de si mesmo que lhe escapa: o outro, tal como aponta: “Ninguém pode construir uma autoimagem isenta de mudança, de negociação, de transformação em função dos outros” (POLLAK, 1992, p. 204).

Pollak (1992) mostra que sendo a identidade a representação que o sujeito tem de si e tem para os outros, a construção desta se dá de tal maneira cujo ponto de chegada é o

próximo, o outro. Assim, o indivíduo se produz como indivíduo para os outros e devido a essa relação que estabelece com os outros, seja em grupo familiar, político, social ou nacional.

Para Hall (2002), a pós-modernidade trouxe, com a globalização, a ideia de identidade cultural. Ao contrário do que se acreditava até o período iluminista, de que a identidade seria imutável e a identidade nacional seria única e homogênea, os fenômenos globais deram espaço para as identidades locais e regionais.

A identidade torna-se uma “celebração móvel”: formada e transformada continuamente em relação às formas pelas quais somos representados ou interpelados nos sistemas culturais que nos rodeiam. É definida historicamente e não biologicamente (HALL, 2002, p. 12 e 13).

Sendo assim, Hall (2002) elucida a ideia de pertencer por identificação e proximidade afetiva. Não se faz parte de determinada – ou pelo menos não deveria – de uma cultura, de um povo, uma nação apenas por questões físicas, geográficas e histórias sociais. Mas sim por construções sociais, culturais, de representatividade.

O Ser Brasileiro

Partindo do pressuposto de que para Hall (2002), uma nação se configura tanto na forma de um Estado nação quanto como uma comunidade, um domicílio, as migrações físicas e abstratas e a difusão das comunicações advindas com a pós-modernidade e o desenvolvimento tecnológico que encurta as distâncias físicas, permitem a coexistência de inúmeras e distintas culturas provenientes dos mais diversos e remotos locais em uma mesma fronteira.

O sentimento de pertencimento, praticamente inerente à palavra identidade, não mais faz referência a somente uma identidade nacional – única, perene e oficial -, com a história da nação, a língua oficial, os símbolos, entre outras características representativas. Mas sim a uma identidade cultural, remetendo ao termo identificação, à pluralidade, à particularidade, à representação.

A criação e imposição de uma cultura nacional por meio dos instrumentos coercitivos do Estado construiu um indivíduo nacional que outrora fora identificado em nações, tribos e regiões. Ainda que, à exemplo, os brasileiros estejam inseridos em uma

cultura nacional, são as oposições, as diferenças liminares que os tornam essencialmente brasileiros (DaMatta, 2000).

Como, então, tomar o limem e o paradoxal como negativos em sistemas relacionais, como o Brasil, uma sociedade feita de espaços múltiplos, na qual uma verdadeira institucionalização do intermediário como um modo fundamental e ainda incompreendido de sociabilidade é um fato social corriqueiro? Como ter horror ao intermediário e ao misturado, se pontos críticos de nossa sociabilidade são constituídos por tipos liminares como o mulato, o cafuzo e o mameluco (no nosso sistema de classificação racial); (DAMATTA, 2000, p.14).

O ser brasileiro está muito além de determinações fronteiriças, de imposições estatutárias, de relações políticas ou de uma identidade nacional, revelado por DaMatta (2000) nas festas populares, na religião, na literatura, na arte, no carnaval, nos desfiles de exaltação ao sete de Setembro, nas leis e regras – obedecidas ou não -, na cultura e no esporte, especialmente o futebol.

DaMatta (2000) mostra ainda um Brasil escrito com “b” maiúsculo, ultrapassando as regras gramaticais de registrar nomes próprios sempre com letra maiúscula, mas que significa a expressão de um país, de um povo, de uma cultura, de um sentimento de pertencer, de uma consciência de ligação afetiva e cultural com um lugar geográfico e com um povo.

O Brasil e o Futebol

Falar de Brasil e de identidade brasileira torna inevitável não falar sobre futebol. Paixão nacional – aqui com a ressalva das exceções -, o referido esporte é um elemento identitário da cultura brasileira. Freyre (1947) no prefácio do livro “O Negro no Futebol Brasileiro” afirmou:

O futebol teria numa sociedade como a brasileira, em grande parte formada de elementos primitivos em sua cultura, uma importância toda especial. E era natural que tomasse aqui o caráter particularmente brasileiro que tomou. O desenvolvimento do futebol, não num esporte igual aos outros, mas numa verdadeira instituição brasileira, tornou possível a sublimação de vários daqueles elementos irracionais de nossa formação social e de cultura. (FREYRE *apud* STEIN, 2015).

O esporte surgido na Inglaterra e trazido ao Brasil no final do século XIX foi decisivo para a criação de uma identidade brasileira, especialmente a partir de 1938, quando

o país ouviu pelos rádios a seleção brasileira fazer uma campanha espetacular na Copa do Mundo – torneio disputado entre seleções nacionais a cada quatro anos - e encerrar a competição com um terceiro lugar.

Para um país e uma população que vivia um crescimento acelerado, com uma urbanização intensa, o futebol foi um instrumento unificador e até pacificador de uma sociedade cujo desenvolvimento estava acontecendo em massa. E daí se recorda quando o Brasil foi sede a primeira vez de uma Copa do Mundo, em 1950, o episódio conhecido como *Maracanazo*, com a derrota da seleção para o Uruguai frente a 200.000 torcedores no Maracanã, estádio símbolo nacional.

O triste e marcante acontecimento não impediu, porém, que o Brasil ganhasse o título de “país do futebol”, especialmente com as vitórias subsequentes nas copas do mundo de 1958, 1962, 1970, 1994 e 2002 e com os grandes nomes que se revelaram no esporte nacional e internacionalmente.

Mais do que apenas um esporte capaz de mover toda – ou pelo menos uma grande parcela – uma nação, o futebol foi fundamental para uma sociedade brasileira em formação, em consolidação de sua identidade, sendo essencial e representativo em momentos econômicos, sociológicos e políticos importantes, como a vitória da seleção canarinho comandada pela música “Pra frente Brasil” na copa de 1970, quando o país enfrentava uma ditadura.

Memória coletiva: construção e transformação

Em 2014, quando o Brasil foi sede pela segunda vez de uma Copa do Mundo e nas semifinais perdeu historicamente por um placar de 1x7 para a seleção da Alemanha, tanto as gerações mais antigas, que puderam presenciar tempos áureos do futebol nacional, tanto as gerações mais novas, mesmo não sendo testemunhas de uma grande parte das conquistas da seleção, se inseriram em um processo de enquadramento da memória, quer tenha sido consciente ou inconsciente.

O enquadramento aqui referido segue as bases de Pollak (1992), em que o indivíduo ou as instituições políticas, sociais, religiosas, entre outras, selecionam os fatos ou acontecimentos – no caso dos indivíduos, isso ocorre com ou sem consciência – que querem ou que devem ser lembrados e esquecidos.

Além do trabalho de enquadramento da memória, há também o trabalho da própria memória em si. Ou seja: cada vez que uma memória está relativamente constituída, ela efetua um trabalho de manutenção, de coerência, de unidade, de continuidade, da organização (POLLAK, 1992, p. 206).

Para Pollak (1989), as memórias individuais e a memória coletiva têm um ponto de encontro, que é a construção sobre uma base comum e a existência de processos e atores que atuam na constituição e formalização dessas memórias. Ainda que a ideia que se tenha de memória seja algo constante, passado e pessoal e intransferível. Assim como a identidade estaria sempre em construção, a memória também o está, principalmente quando se fala em memória coletiva e quando dentro desta, se fala em memória nacional.

Em seus estudos, Pollak (1989) faz uso de grupos sociais excluídos durante determinado período da história de um país ou nação para estabelecer a dialética entre memória nacional – forma mais completa de uma memória coletiva e que seria a oficial – e memórias subterrâneas. Para o estudioso, a memória “oficial” é construída com base naquilo que os Estados, organizações, instituições querem que se tenha conhecimento. A prova disso seriam as datas oficiais estabelecidas na França para as comemorações das duas guerras mundiais e que não são seguidas ou lembradas por boa parte dos franceses.

Pollak demonstra o contrário do que já havia imaginado Halbwachs (1968) sobre memória coletiva. Segundo Halbwachs (1968), com os diversos elementos que a estruturam e ao determinar o que é comum a um grupo e o que o diferencia de outro, a memória coletiva reforçaria o sentimento de pertencimento a um grupo, a um povo, a uma nação.

O jornalismo e a construção da memória

Para o jornalismo, nem tudo o que é fato é notícia. A notícia só acontece quando este fato se transforma em um acontecimento. E o primeiro e primordial critério para que um fato se transforme em um acontecimento é a anormalidade. Isto é, fazendo uso de uma comparação superficial, um acontecimento seria um fato que irrompeu na superfície lisa da normalidade.

Para Barbosa (2004), são os jornalistas ou o jornalismo que tem o poder de escolher ou decidir o que vai ser ou não acontecimento “ao selecionar temas que devem ser lembrados e ao esquecer outros, produzem, a partir de critérios altamente subjetivos, uma espécie de classificação do mundo para o leitor” (BARBOSA, 2004, p.1-2).

Como a memória está sempre em construção, submetida a transformações e mudanças, o jornalismo atuaria diretamente nesse processo por fazer, reproduzir e reconstruir a memória do presente e determinar o que deve ser lembrado e o que deve ser esquecido no futuro, tal como o enquadramento da memória exposto por Pollak (1992).

Ainda que essa seleção dos fatos em acontecimentos não seja deliberativa por parte dos jornalistas, ela, por vezes, é inconsciente e acontece até mesmo na construção da narrativa que será contada. Ao contrário do que determinava a Teoria do Espelho⁵, baseada no positivismo de Augusto Comte⁶, de que o jornalismo deve ser objetivo e imparcial, ao privilegiar uma fonte, ao escolher determinadas palavras para a escrita, o jornalista está construindo uma realidade que não é espelho da própria realidade.

Toda essa capacidade, possibilidade e permissividade de o jornalismo atuar como um selecionador desses acontecimentos e usar o discurso como forma de outorgar uma realidade que não a real confere aos jornalistas “o estatuto de produção de um discurso considerado como crível” (BARBOSA, 2004, p.4).

O jornalismo, portanto, é detentor de um poder de conferir credibilidade, respeito e veracidade a qualquer discurso. Assim, ainda que possa não ser a intenção dos jornalistas, a visão de mundo que prevalece é imposta pelos meios de comunicação. E, essencialmente, tal poder privilegia a legitimação dos núcleos de poder e marginaliza os demais setores da sociedade.

Análise das Matérias

O presente trabalho se propõe a analisar qualitativamente 10 matérias publicadas no Jornal O Dia nos meses de junho e julho de 2014, período que abrangeu os preparativos, a execução e a repercussão da Copa do Mundo, cuja sede foi o Brasil – pela segunda vez.

Dentre as 106 inserções – matérias, colunas, opiniões, charges, fotos - encontradas nas edições dos supracitados dias, foram previamente selecionados 44 conteúdos noticiosos que apresentam relação mais intensa com a construção da identidade e da memória do teresinense, o foco da pesquisa em questão. Para o resultado final, 10 matérias foram enquadradas em três categorias: preparação, comércio e torcedores.

⁵ É considerada a mais antiga (1850) das teorias dentre as teorias do jornalismo. Nesta, o jornalismo deveria ser objetivo e imparcial, com uma descrição sem subjetividades dos fatos. Ou seja, seria uma representação fiel da realidade. Por isso, a metáfora com o espelho. (OLIVEIRA, 2011).

⁶ Foi um filósofo e sociólogo francês do século XIX e considerado o criador do Positivismo e da Sociologia. Um dos princípios pensamentos do teórico era de que tudo poderia ser explicado e desenvolvido de forma empírica, isto é, obedecendo a critérios das ciências exatas e biológicas. (FERRARI, 2008).

Partindo do conceito elucidado por Herscovitz (2007, p. 126) de que a Análise de Conteúdo é “método de pesquisa que recolhe e analisa textos, sons, símbolos e imagens impressas, gravadas ou veiculadas em forma eletrônica ou digital [...] a partir de uma amostra aleatória ou não [...] com o objetivo de fazer inferências sobre seus conteúdos e formatos”, a técnica metodológica a ser usada será a supracitada.

Assim, por meio da análise, procura-se apontar quais os aspectos memorialísticos e de identidade presentes nos textos, bem como a forma como estes foram explorados pelo veículo de comunicação utilizado para a pesquisa.

Preparação

A primeira matéria que será analisada nesta categoria foi veiculada no dia oito de junho de 2014 e intitulada como "Copa do Mundo no Brasil aflora sentimento de patriotismo". Em 2014, até então, o Brasil era conhecido mundialmente como "o país do futebol". Uma Copa do Mundo sediada em qualquer outro país já seria motivo suficiente para despertar o torcedor que existe na maioria dos brasileiros, o fato de o Brasil ser o país sede da Copa serviu para intensificar esse patriotismo.

O jornal O Dia, então, publicou uma notícia que abordava a relação entre 1970 – período de ditadura militar em que ocorreu o campeonato mundial no México – e 2014. A jornalista responsável pelo texto citou o cronista Nelson Rodrigues, que produziu vários artigos durante a Copa de 1970, trazendo à tona uma possível memória afetiva relacionada ao período, à seleção Canarinho e aos textos do cronista.

Em 2014, uma operadora de celular se apropriou do nome de Nelson e criou uma *fanpage* no Facebook chamada "#NelsonExplica", a página relembra alguns fatos não só da Copa de 70 como também do Mundial de 1950, e ficou famosa entre os brasileiros.

No final da matéria a redatora faz um paralelo com o que aconteceu em 1970 em Teresina. Na capital, poucas casas possuíam um televisor, o aparelho era muito caro. Os torcedores da época torciam sem usar a camisa da seleção brasileira e as comemorações das vitórias do Brasil eram feitas na região da Igreja São Benedito (localizada no Centro da Capital), nesse tempo o centro de Teresina ainda era área residencial, reiterando a intensa e frequente construção da identidade citada por Pollak.

O funcionário público Severino Filho lembrou do período e contou para a repórter que o cenário era diferente do de 2014. Naquele tempo, a ditadura militar se apropriou da

Copa do Mundo para fins políticos, fazendo com que os torcedores esquecessem dos problemas que o regime enfrentava.

Ainda na edição publicada no domingo, dia oito de junho, está a segunda matéria analisada da categoria, cujo título é "Dois amistosos ajudaram a esquentar o clima". O texto, sobre o impacto causado pelos jogos amistosos da seleção brasileira contra as seleções do Panamá e da Sérvia, mostra que as duas vitórias na véspera da Copa serviram para despertar a torcida do Brasil para o Mundial.

Em Teresina, os jogos funcionaram como uma "fase de testes" para os moradores que apostaram na seleção e se reuniram para assistí-los. O intuito era acompanhar o desempenho do time brasileiro e conhecer a situação dos jogadores e do técnico pouco tempo antes do início da Copa do Mundo. Devido ao saldo positivo, algumas ruas já estavam decoradas em homenagem à seleção brasileira, como foi o caso da Rua Engenheiro Miguel Furtado Barcelar, no bairro Buenos Aires, despertando o sentimento de pertencimento tanto retratado por DaMatta.

A Copa de 2014 foi o primeiro Mundial em que os moradores da rua decidiram enfeitar a vizinhança e transformá-la num local em que todos os vizinhos pudessem se reunir para assistir os jogos. Como eles trabalham pela manhã e a tarde, só era possível se dedicar à decoração durante o período da noite e nos finais de semana. Muitos moradores assistiram os jogos no bar da Dona Edileusa, que transmitia as partidas em duas TVs instaladas no estabelecimento.

Em contraponto havia a Quadra 39, Setor A do Mocambinho (bairro da zona norte de Teresina), onde os vizinhos se reúnem desde a Copa do Mundo de 1994. A área já era conhecida pelos teresinenses, os moradores da região afirmaram que a rua é a quarta colocada quando se trata de animação e decoração em período de Mundial. Assim, a matéria transmitiu a identificação do teresinense. Era bastante comum moradores de outras regiões de Teresina visitarem a quadra para conhecer a rua e admirar a decoração.

A terceira e última da categoria tem como título "Moradores do Saci se preparam para a Copa" e foi publicada no dia 11 de junho, dois dias antes da cerimônia de abertura da Copa do Mundo de 2014. A matéria falava sobre os preparativos para o evento no bairro Saci (zona sul de Teresina), conhecido na cidade pela decoração das ruas durante o período de Copa.

A empolgação e o patriotismo contagiaram a vizinhança inteira, desde crianças até os adultos. Nos últimos dias antes do início das partidas ainda faltava terminar de colocar as

bandeirinhas e pintar algumas bandeiras de países e o Fuleco (mascote da Copa) em um muro. Em todo lugar havia decoração: nos muros das casas, no chão das ruas, nas calçadas e até nos postes, reiterando o aspecto de identidade e contribuindo para a construção da memória coletiva da região.

Os moradores contavam com a solidariedade dos caminhoneiros, que evitavam passar nas ruas com bandeirinhas (elas eram presas na ponta dos telhados cruzando as ruas, formando um corredor com as cores do Brasil) para não destruir a decoração. A equipe de reportagem conversou com a dona de casa Holanda Morais, que vive no bairro há mais de 30 anos. Ela relatou que todo ano de Copa do Mundo ela e os outros residentes do Saci se reúnem para enfeitar as ruas e cada um ajuda com o que pode.

A festa que acontece nas ruas do bairro durante os jogos já é conhecida pelos torcedores teresinenses. O evento conta com churrasco, bebidas e até carros de som, todos se unem para assistir os jogos e se o Brasil vence o jogo a comemoração acontece na avenida principal. Em 2014 a festa atraiu milhares de teresinenses, a Polícia Militar realizou um esquema de segurança especial e a utilização de carros de som só foi permitida até as 22h, devido ao bairro Saci ser uma área residencial.

Comércio

A primeira matéria desta categoria, que foi veiculada poucos dias antes do início da Copa do Mundo de 2014 e é intitulada "Comércio popular oferece camisas e adereços bem mais baratos", fala sobre o comércio e a movimentação no Centro de Teresina, especificamente nas lojas de roupas e acessórios.

Por ser uma área majoritariamente comercial, durante o período de datas comemorativas o centro da cidade fica bastante tumultuado, e com um evento como a Copa do Mundo não seria diferente. As lojas ofereciam camisas parecidas com as camisas oficiais da seleção e roupas nas cores verde e amarelo para o público feminino, masculino e infantil.

Suzana Lima, uma das gerentes de loja entrevistada pela repórter do jornal, relatou que a busca por camisas que remetiam à seleção brasileira gerou um lucro maior que o obtido no dia das mães (um dos períodos do ano que gera mais lucro para o comércio) de 2014. Assim, o jornal proporciona que uma das lembranças desse período no Brasil seja o aspecto econômico.

Também produzida durante a contagem regressiva para o início da Copa, a segunda matéria analisada "TVs: quanto maior, melhor" fala especificamente sobre as vendas de

televisores no mercado de Teresina. A equipe do jornal conversou com alguns gerentes de lojas de produtos eletroeletrônicos da capital para identificar o que os torcedores procuram na hora de comprar uma TV.

Durante o período dos jogos, muitos teresinenses os acompanhavam em bares, restaurantes ou na praça de alimentação de um dos dois shoppings que existiam até então na cidade. Além desses, havia os que preferiam fugir dos lugares lotados e assistir as partidas no conforto da própria casa com a família e/ou os amigos. Estes prezavam pela melhor qualidade da imagem possível, o que refletia no comércio de televisores antes do início dos jogos. A matéria assim contribui para a determinação da identidade e comportamento dos teresinenses frente a esse megaevento.

Devido ao aumento na procura o preço das TVs reduziu em torno de 20%, como consequência era bastante comum encontrar lojas com o estoque vazio. O gerente George Luiz, que foi entrevistado pela equipe do jornal, afirmou que em relação ao ano de 2013, as vendas de TVs em 2014 aumentaram 300%.

No início do período dos jogos da Copa, a terceira matéria da categoria com o título "Torcedores buscam comodidade e contratam buffet para os dias de jogos" fala sobre uma forma de ter tranquilidade a mais durante as partidas. Dentro do grupo de torcedores que preferem reunir a família e os amigos em casa para assistir os jogos da seleção brasileira, houve aqueles que preferiram contratar buffets para se responsabilizarem pela comida na hora do evento.

No período, a maior procura pelos serviços dos buffets era feita por grupos de amigos e famílias. As empresas se aproveitaram do conforto e da segurança de assistir as partidas em casa, já que alguns teresinenses não se sentiam seguros em levar a família e as crianças para algum restaurante. Além desses pontos positivos, ao contratar o buffet não havia mais necessidade de preparar a comida horas antes do jogo, o que diminuía a chance de ocorrer algum imprevisto.

Os pratos mais pedidos eram feijoada, churrasco (comidas tipicamente brasileiras) e frios. Também é apontado (em um *box* na matéria) o aumento que ocorreu na demanda em depósitos de bebidas, responsáveis por vender bebidas como cervejas e refrigerantes em grandes quantidades. A matéria, além de revelar outra identidade de uma parcela da população, possibilita que outra parte modifique ou reinvente a identidade por meio do que está sendo retratado.

Torcedores

Na primeira matéria desta categoria, intitulada "Torcedores aprovam atuação do Brasil no primeiro jogo", logo após a estreia da seleção brasileira na Copa do Mundo jogando contra a Croácia, e vencendo o jogo com um placar de 3 a 1, o jornal O Dia procurou os torcedores teresinenses para opinarem sobre o desempenho do time de Luís Felipe Scolari. A maioria dos torcedores entrevistados falou que o nervosismo da estreia foi o principal responsável pelos deslizes dos jogadores no começo do jogo.

Alguns teresinenses atribuíram uma nota à atuação da seleção brasileira na primeira partida, elas variavam entre 7 e 8,5. Os pontos subtraídos foram motivados pelo único gol do time adversário, que na verdade foi um gol contra. Dessa forma, a matéria constrói uma memória futura dos torcedores para os próximos desempenhos em copas do mundo.

No geral, os teresinenses concordaram que os erros foram perdoáveis e o primeiro jogo teve um saldo positivo. Alguns torcedores também apontaram que a seleção não deveria perder o foco e se preparar para os próximos jogos, contra as seleções de Camarões e do México.

A jornalista responsável pela matéria também entrevistou o sociólogo Benedito Carlos de Araújo Jr que alertou sobre os perigos do aumento de confiança. A expectativa alta é uma das consequências da confiança elevada e a Copa do Mundo é um evento esportivo que nem sempre é previsível, algo que pode causar grandes decepções.

A segunda matéria, com o título "A 'zaga' do Brasil mora em Teresina" é sobre os dois meninos, Lian e Murilo (de dois e quatro anos, respectivamente), que são muito parecidos com os jogadores da seleção David Luiz e Thiago Silva, ambos zagueiros da seleção brasileira. Em junho de 2013, no final da Copa das Confederações, quando o Brasil venceu a Espanha e foi campeão do torneio, os jogadores publicaram uma foto das crianças juntas, fazendo uma brincadeira com a amizade dos dois jogadores.

Devido a Copa do Mundo, a imagem (os dois meninos abraçados, sentados em cima do capô de um carro com a bandeira do Brasil) teve mais de 30 milhões de visualizações no Facebook e "viralizou" na internet brasileira, sendo notícia em inúmeros veículos de comunicação. A partir daí os pequenos teresinenses ficaram conhecidos nacionalmente e se tornaram sócias oficiais de David Luiz e Thiago Silva.

As crianças moravam na zona norte de Teresina, no bairro Buenos Aires. Os dois são primos e desde pequenos já mostravam que o brinquedo preferido era a bola de futebol. Um dos meninos, Murilo (sócia de David Luiz), é filho do ex-jogador piauiense Marco

Antônio dos Santos (Marcão), que em 2014 era técnico do time Piauí. E ainda que, nesse caso, o que predomina é a memória individual, a matéria também reitera o sentimento de coletividade.

Na terceira matéria "Teresinenses enfrentam dificuldades para chegar em casa nos dias de jogo", no dia do último jogo da seleção brasileira na primeira fase da Copa do Mundo, uma equipe de reportagem do jornal O Dia relatou o movimento no trânsito de Teresina nos horários que antecediam a hora da partida. Os moradores saíram do trabalho mais cedo para ter tempo de assistir o jogo, mas o trânsito na avenida Frei Serafim (localizada no centro da Capital) ficou intenso.

Na época dos jogos da primeira fase ocorreu uma redução da frota no transporte público, isto dificultou a mobilidade dos teresinenses que não possuíam carro. O repórter do jornal conversou com alguns moradores da capital para identificar a situação das pessoas que dependiam de ônibus para se locomover.

Muitos teresinenses moram longe do lugar onde trabalham, alguns deles optaram por chegar mais cedo no trabalho para conseqüentemente sair mais cedo. Esta era uma forma de evitar o trânsito lotado e garantir que chegariam em casa a tempo de assistir o jogo da seleção. Os teresinenses reclamavam da demora do transporte público em dias de partida, a espera na parada de ônibus passava de 40 minutos e frequentemente os veículos ficavam lotados. Para os torcedores que trabalhavam no turno da tarde a situação era mais complicada.

Em 2014, Sara Magalhães era técnica em enfermagem no Hospital Universitário e precisava utilizar dois ônibus para ir ao trabalho. Ela entrava no trabalho às 13h e quando saía, às 19h, em dias de jogo do Brasil não havia mais ônibus circulando para que ela pudesse voltar para casa.

Sara relatou que no jogo da seleção brasileira contra o México passou mais de uma hora esperando na parada de ônibus da universidade e não havia passado nenhum ônibus, foi necessário que a população oferecesse carona para ela e alguns funcionários do Hospital para que eles pudessem chegar em casa. A matéria, assim como as outras, ajuda a determinar a identidade teresinense e a construir a memória coletiva por essas lembranças.

Na quarta e última matéria da categoria, intitulada "Teresinenses sofrem com a derrota e abandonam a torcida pelo Brasil", o jornal O Dia cobriu a movimentação na praça de alimentação em um dos *shoppings* da cidade, um ponto de encontro para muitos torcedores que gostam de assistir os jogos com bastante torcida, no dia que o Brasil perdeu

para a Alemanha com o placar marcante de 7 a 1. A goleada começou logo no primeiro tempo, e o que se viu foi frustração. Os gols da Alemanha sugaram toda a empolgação dos torcedores teresinenses.

A decepção e a tristeza ocuparam o espaço do patriotismo na praça de alimentação do *shopping*. Muitos torcedores apostavam na vitória do Brasil mesmo com o time jogando sem o atacante Neymar. Durante a partida, que entrou na história, os torcedores procuraram um responsável pelo fracasso, apontando a culpa para alguns jogadores e para o técnico Luís Felipe Scolari, que dividiu opiniões desde o momento que foi contratado para trabalhar com a seleção.

Ainda no primeiro tempo, em torno do quinto gol da Alemanha, diversos torcedores se retiraram da praça de alimentação do Teresina Shopping. A cada gol do time adversário a evasão de pessoas aumentava, isso também ocorreu em outros lugares que reuniram uma grande quantidade de torcedores em Teresina. No *shopping*, os teresinenses que assistiram a partida até o final ficaram inconsoláveis, alguns até choraram com a derrota.

A matéria participa com intensidade, nesse caso, da construção da identidade e da memória do teresinense ao contar o acontecimento e, assim, torná-lo um documento de possível estudo e ao revelar com presteza os sentimentos da população.

Considerações finais

A partir das análises realizadas, é possível fazer uma relação entre as matérias veiculadas no jornal O Dia e os pensamentos de Stuart Hall ao falar sobre identidade em constante mutação e "celebração móvel". O fato de a seleção brasileira ser a seleção que possui mais títulos em copas do mundo (1958, 1962, 1970, 1994 e 2002) ajudou a construir a identidade do brasileiro, e consequentemente do teresinense, como indivíduos fanáticos por futebol, principalmente quando se trata do campeonato mundial.

Da mesma maneira, os acontecimentos da Copa de 2014 (antes da derrota para a Alemanha) auxiliaram no reforço da identidade do teresinense durante o período dos jogos, deixando mais forte o sentimento de união e coletividade dos moradores de Teresina.

Enquanto os jogos só interferiram na identidade do brasileiro durante junho e julho de 2014, o final da Copa para a seleção brasileira – com a derrota histórica de 7 a 1 para a seleção da Alemanha – transformou e ainda transforma a identidade do teresinense como torcedor.

As matérias fazem uma conexão direta com a memória coletiva do teresinense ao falar sobre as particularidades dos moradores da capital em relação à Copa do Mundo de 2014. Além de documentarem o processo de construção desta memória, as matérias do jornal O Dia também foram peças fundamentais nesse processo.

No momento em que o jornal selecionou as matérias que abordaram a relação do teresinense com o Mundial, ele participou ativamente na construção da memória coletiva. Assim que essas matérias são resgatadas, elas despertam a memória individual de quem as lê.

Referências Bibliográficas

BARBOSA, Marialva. **Jornalistas, “senhores da memória”?** Disponível em:<www.ccmj.org.br>. Acesso em: 25/02/2016.

CARDOSO, Alianna. **O faz o Brasil, Brasil: Essa e outras verdades do jeitinho brasileiro.** Disponível em:<www.revistaliberdades.org.br>. Acesso em: 25/02/2016.

FERRARI, Márcio. **Augusto Comte, o homem que quis dar ordem ao mundo.** Disponível em:<revistaescola.abril.com.br>. Acesso em: 29/02/2016.

HALBWACHS, Maurice. **A memória coletiva.** São Paulo: Vértice, 1990, p. 16-35.

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade.** 7 ed. Rio de Janeiro. DP&A, 2002.

HERSCOVITZ, H. G. Análise de conteúdo em jornalismo. **In:** LAGO, C.; BENETTI, M. (Orgs.). Metodologia de pesquisa em jornalismo. Petrópolis, RJ: Vozes, 2007. p.123-142.

MEDEIROS, Clériston. **A identidade do Brasil:** Analisando a obra de Roberto DaMatta. Disponível em:<www.gostodeler.com.br>. Acesso em: 25/02/2016.

OLIVEIRA, Ben. **Teorias do jornalismo:** Teoria do Espelho. Disponível em:<www.benoliveira.com>. Acesso em:29/02/2016.

POLLAK, Michael. **Estudos históricos.** 5 ed. Rio de Janeiro. 1992, p. 200-212.

_____. **Estudos históricos.** 5 ed. Rio de Janeiro. 1989, p. 3-15.

STEIN, Leandro. **Como o futebol moldou a identidade cultural do brasileiro.** Disponível em <trivela.uol.com.br>. Acesso em: 25/02/2016.